

Um dia em que os mercados estiveram muito nervosos

Nos vários mercados

houve muitas oscilações.

A expectativa agora é de uma maxidesvalorização.

Os mercados estiveram nervosos, ontem, como consequência das decisões adotadas esta semana pelo governo e que restringiram a moeda em poder do setor privado, num volume que até o final deste ano poderá atingir entre Cr\$ 250 e Cr\$ 300 bilhões, em termos líquidos.

No mercado aberto, as taxas oscilaram entre 9,35 e 9,40% ao mês nas operações com títulos federais e 9,60/9,70% nas operações com cheques administrativos, chegando a atingir 10% ao mês neste mercado. As ORTN com garantia cambial e vencimento para 1984 e 1985 alcançaram alta que chegou a superar 1% sobre os preços da véspera, e uma corretora de porte pequeno informou ter movimentado acima do dobro do seu giro normal. Havia expectativa quanto à maior distância entre a correção monetária e a correção cambial, com a aceleração das minidesvalorizações do cruzeiro, e também quanto a uma maxidesvalorização, estimulada pela implantação prática do dólar-viagem, que custa 25% acima do oficial.

No mercado de ações, os preços caíram 1% em São Paulo, com volume inferior ao de ontem. As baixas atingiram com mais intensidade as ações de segunda linha, mas também as mais negociadas caíram, como Banco do Brasil, Petrobrás, Alpargatas e Souza Cruz. A expectativa era desfavorável para os próximos dias, em face do grau com que as dificuldades atingirão as empresas menos capitalizadas.

No mercado paralelo do dólar, voltou a haver negociação, e fortes oscilações, com tendência à queda no fechamento. Uma agência que opera principalmente com pessoas físicas, no varejo, informava ter cotado a Cr\$ 305,00 para compra e Cr\$ 330,00 para venda. Outra empresa mencionava Cr\$ 305,00 e Cr\$ 325,00, e, no final do dia, uma terceira corretora apontava para queda: Cr\$ 300,00 para compra e Cr\$ 318,00 para venda. A explicação é a de que os níveis de Cr\$ 300,00 já incorporam a expectativa de uma maxidesvalorização, e a menor oferta de dólares será compensada pela menor procura, em face das maiores restrições às viagens.

Os mercados de títulos (CDBs e letras de câmbio) estavam virtualmente paralisados, em face das dificuldades de fixação de taxas após as restrições. Um grande banco informou que continua captando ao nível de 12% ao ano mais correção monetária para grandes volumes. Os mercados de empréstimos também estiveram quase parados, ante a incerteza quanto aos próximos dias e às estimativas variáveis para cada instituição e que determinarão o procedimento de cada uma.

Ajuste

Nos bancos, já se sabe que o ajuste para o novo compulsório de 45% será feito até o final deste ano, o que indica um certo espaço para o manejo das carteiras de empréstimos livres, que sofrerão um forte enxugamento. O departamento econômico de uma organização de porte estimou que, ao final do ano, a aplicação dos depósitos à vista estará assim distribuída: caixa — 4%; compulsório — 45%; pequena e média empresa — 12%; rural (incluindo acréscimo) — 21%; Iapás — 8 a 10%; faixa livre — 9 a 11%. Esse departamento estima que a faixa livre, atualmente, está entre 20 e 22%. Isto provocará forte redução no poder dos bancos de criarem moeda, mas em parte isto será compensado pela expansão normal nos fins de ano, consequência da pressão gerada pelas operações de custeio agrícola.

(F.P.J.)